



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Clínica da psicose ordinária na era dos discursos pós-modernos

Tania Coelho dos Santos

Orcid: [0000-0002-5360-7864](https://orcid.org/0000-0002-5360-7864)

Pós-Doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris 8 (Paris, França)
Professora Visitante do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei / UFSJ (Minas Gerais, Brasil)
Professora Associada IV Aposentada do Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Pesquisadora Nível 1C do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq/Brasil)
Presidente do Instituto Sephora de Ensino de Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Membro da Diretoria da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental / AUPPF (São Paulo, Brasil)
Membro da École de Cause Freudienne / ECF (Paris, França)
Membro da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP (São Paulo, Brasil)
Membro da Associação Mundial de Psicanálise / AMP (Paris, França)
E-mail: coelhosantostania@gmail.com

Resumo: Os discursos pós-modernos incitam ao gozo ao invés de barrá-lo recorrendo à metáfora paterna. O Outro simbólico aparece agora como defeituoso, fraturado e exposto em suas imperfeições. A esquerda renova a utopia revolucionária e engendra uma sociologia inédita, radicalizando as tensões sociais e culturais, deslocando o combate das desigualdades econômicas para as insatisfações das minorias excluídas das normas dominantes (gênero, raça e sexualidade). Estes discursos colocam em questão o valor dos diagnósticos psicanalíticos que nos permitem distinguir a estrutura neurótica da estrutura psicótica. A organização neurótica da subjetividade não goza mais do privilégio de ser considerada como um "ideal de sexualização" desejável para todos. A superidentificação generalizou-se graças aos movimentos sociais em favor da inversão do estigma da homossexualidade. O termo "generificação" substituiu "sexualização" com o objetivo de esvaziar a diferença anatômica entre os sexos de sua substância e assim redefinir as disposições sexuais, sociais e políticas.

Palavras-chave: Herói; Genealogia; Freud.

Clinique de la psychose ordinaire à l'ère des discours post-modernes: Les discours postmodernes incitent à la jouissance comme un impératif plutôt que de la barrer par le recours à la métaphore paternelle. L'Autre symbolique apparaît maintenant comme défaillant, fracturé, exposé dans ses imperfections. La gauche renouvelle l'utopie révolutionnaire et engendre une sociologie inédite: ils radicalisent les tensions sociales et culturelles, déplaçant le combat des inégalités économiques vers les "insatisfactions" des minorités exclues des normes dominantes (genre, race, sexualité). Ces discours remettent en question la valeur des diagnostics psychanalytiques qui nous permettent de distinguer la structure névrotique de la structure psychotique. L'organisation névrotique de la subjectivité ne jouit plus du privilège d'être considérée comme un "idéal de sexualisation" désirable pour tous. L'hyper-identification s'est généralisée grâce aux mouvements sociaux en faveur de l'inversion du stigmate de l'homosexualité. Le terme "généralisation" a remplacé "sexué", visant à vider la différence anatomique des sexes de sa substance et à redéfinir les dispositions sexuelles, sociales et politiques.

Mots clés: Héros; Généalogie; Freud.

Clinic of ordinary psychosis in the era of postmodern discourses: Postmodern discourses encourage enjoyment instead of blocking it by resorting to the paternal metaphor. The symbolic Other now appears as defective, fractured and exposed in its imperfections. The left renews the revolutionary utopia and engenders an unprecedented sociology, radicalizing social and cultural tensions, shifting the fight from economic inequalities to the dissatisfaction of minorities excluded from the dominant norms (gender, race and sexuality). These discourses call into question the value of psychoanalytic diagnoses that allow us to distinguish the neurotic structure from the psychotic structure. The neurotic organization of subjectivity no longer enjoys the privilege of being considered an "ideal of sexualization" desirable for all. Overidentification has become widespread thanks to social movements in favor of reversing the stigma of homosexuality. The term "genderification" replaced "sexualization" with the aim of emptying the anatomical difference between the sexes of its substance and thus redefining sexual, social and political dispositions.

Keywords: Hero; Genealogy; Freud.

Clínica da psicose ordinária na era dos discursos pós-modernos

Tania Coelho dos Santos

Introdução

Para introduzir minha proposição acerca da psicose ordinária recordo a intervenção original do psicanalista francês Jacques Lacan (1966/1998) na clínica dos fenômenos na fronteira entre a neurose e a psicose, que os analistas pós-freudianos classificaram como quadros borderline. A orientação lacaniana nos ensinou a separar as estruturas neurótica, psicótica e perversa com base num poderoso operador, a resposta do sujeito ao real sem lei de *lalíngua* por meio da metáfora paterna. Essa solução, de extrema simplicidade teórica, serviu para reorientar a clínica psicanalítica, contornando o obstáculo iminente do rebaixamento da psicanálise às práticas psicoterapêuticas. E o que é o real sem lei de *lalíngua*? Para Freud o mais real é o desamparo originário, matriz do desencadeamento de uma angústia automática. Para Lacan, o traumatismo é a própria incidência de *lalíngua*, dimensão pulsional da linguagem, em sua polissemia originária. A invasão do gozo de *lalíngua* requer uma alteridade que estabilize a forclusão generalizada do sentido. Para os neuróticos, a autoridade do Nome do Pai faz essa função, inscrevendo a castração por meio do recalque da pulsão.

Devemos igualmente à Lacan, a crítica precisa à exploração da contratransferência como estratégia de intervenção clínica. Ela é o perigoso correlato técnico do diagnóstico de um quadro intermediário entre a neurose e a psicose: o borderline. Nós, psicanalistas de orientação lacaniana admitimos que Lacan introduziu o conceito de desejo do analista para se opor aos psicanalistas da Associação Internacional de Psicanálise (IPA) que enalteciam o uso da contratransferência. Diferentemente, porém, de outros comentadores de Lacan (Coelho dos Santos, 1994, pp. 45-59) demonstrei que Lacan não fez uma simples oposição à técnica da contratransferência. Seu gesto fez do vício, virtude, pois o desejo do analista não é sem a contratransferência. Consiste em subvertê-la colocando-a à serviço da interpretação. Explico melhor. A contratransferência indica a presença do real da angústia do lado do analista. A angústia é o ponto onde o sujeito do inconsciente "não é ainda" pois se apresenta reduzido ao objeto a. Porém, está em vias de advir. Seu aparecimento indica que é aí que o desejo do analista deve comparecer evitando o risco da contratransferência. O real da angústia é o que precisamos distinguir daquilo que os pós-freudianos nomearam como a emergência de uma suposta "necessidade real" do paciente. Esse apelo conceitual a um suposto "real da necessidade" traz consigo perigosas justificativas para que o analista deixe de lado a disciplina que deve circunscrever seu ato ao "horizonte desabitado do ser". A "necessidade do paciente" não é o real sobre o qual o analista opera. A oferta de um acolhimento maternal também não é a boa resposta analítica. O real sobre o qual o analista opera é a angústia, seja do lado do analisando, seja do lado do analista. Podemos dizer então que: lá onde a angústia do analista indica a presença da contratransferência, o desejo do analista deve advir.

A pontuação de Lacan salvaguardou a clínica psicanalítica, ensinando a proceder

diferentemente diante neuróticos e de psicóticos. Porém nos deixou desamparados diante de casos de difícil classificação. As teses de Miller (2002) sobre o último ensino de Lacan mostram que a noção de "ser falante" amplia o conceito de sujeito do significante incluindo o corpo como substância gozante. O "ser falante" é idêntico ao seu sintoma: significante + corpo. Essa nova concepção ameniza a descontinuidade entre neurose e psicose como duas classes estanques. O ser falante não é somente o efeito da admissão simbólica ou da forclusão do Nome-do-pai do Nome do Pai. Seu sintoma é sempre inédito, funda-se no vazio real onde o Outro não existe, $S(A/)$ e se produz como uma modalidade singular de gozo e de sentido.

Essa nova abordagem destaca a zona de continuidade entre neurose e a psicose. As estruturas são somente variações da existência do ser falante. A vantagem desse ponto de vista é acentuar a igualdade de neuróticos e psicóticos diante da vida e da morte. Bem além da perspectiva estrutural que é do tipo "ou é isto ou é aquilo", escolhemos a via aproximativa do tipo "mais ou menos". Pierre Gilles Guéguen (2000) esclarece que a clínica da forclusão generalizada, estabelecida por Miller, dá conta das numerosas aporias encontradas nos pós-freudianos acerca das psicoses que conduziram, tanto a uma multiplicação das categorias nosográficas, quanto à categoria frouxa de pacientes borderline. A potência dessa clínica do gozo deve-se a uma inversão de perspectiva quanto a função da linguagem. O ser falante, pode encontrar na linguagem articulada um modo de defesa contra o real de *lalíngua*. Dependendo do caso, essa defesa pode tomar diferentes formas que não são equivalentes. Todas elas se apoiam nos semblantes para proteger o sujeito do retorno do real que a invasão de gozo produz no corpo. A invasão de gozo se apresenta por meio de vários fenômenos: alguns são maciços e espetaculares (crimes, passagens ao ato suicidas, passagens ao ato hétero ou autoagressivas, dispersão nas formas de delírio e anorexias graves). Outros, menos aparentes, são mesmo assim preocupantes (assim depressões intensas, estados de angústia agudos, queixas hipocondríacas que podem ter relação tanto com a neurose, quanto com a psicose).

Se a clínica psicanalítica não pode contar tanto com a classificação prévia, dependerá, mais do que nunca do manejo da transferência. O que nos servirá de orientação é a incidência do real. Nossa atenção deverá incidir sobre o ponto onde os semblantes vacilam e a livre-associação dá lugar a manifestações psíquicas que ameaçam romper o enquadre analítico. Eventos no corpo, *acting-outs*, passagens ao ato, e a transferência negativa são o índice privilegiado da angústia, único afeto que não engana. Esses casos preocupavam muito aos analistas pós-freudianos porque temiam o risco do comparecimento de eventos adversos fora do dispositivo analítico. Explicavam este fenômeno como uma atuação de conteúdos inconscientes de natureza pré-verbal oriundos da primitiva relação simbiótica com a mãe. Alguns analistas pós-freudianos questionavam a atitude do analista freudiano clássico, habituado à clínica com neuróticos. A posição pretensamente neutra do analista clássico não incluía, a si mesmo e ao seu inconsciente, na compreensão dos estados psíquicos de seu paciente. Propunham incluir a subjetividade do analista no *setting* pois, acreditavam que o "eu" ou os sentimentos e pensamentos contratransferenciais refletiam adequadamente aquilo que o paciente

não tinha palavras para formular.

O termo *borderline* foi utilizado pela primeira vez por Wilhelm Reich (1925). Ele observou nesses analisandos a acentuada ambivalência de sentimentos, o primado da agressão pré-genital, o prejuízo do eu e do supereu e do narcisismo acentuado. Oficialmente, foi Adolph Stern (1938, pp. 467-489) quem estabeleceu o uso do termo *borderline* para nomear as seguintes manifestações clínicas: narcisismo, hemorragia psíquica, hipersensibilidade extraordinária, rigidez psíquica e física, reação terapêutica negativa, sentimentos constitucionais de inferioridade, insegurança orgânica ou angústia, masoquismo, uso excessivo de mecanismos projetivos, dificuldades no uso do teste de realidade – em particular nos relacionamentos interpessoais. A ideia central dessa caracterologia é a de que estes pacientes não sofriam das restrições da vida sexual como os neuróticos, mas sim dos efeitos da frustração de necessidades primárias. Phyllis Greenacre (1941, pp. 610-638) fala de uma predisposição constitucional à angústia nesses analisandos. Hélène Deustch (1942, pp. 301-321) os redefine como personalidades *as-if*, apoiando-se em Winnicott que fala de falso-self. Ambos se aproximam do diagnóstico de uma patologia do caráter. Caminham em direção a alargar a categoria de psicose, de modo a abranger indivíduos cuja personalidade é psicótica, mas cujas produções sintomáticas não são. Essa ideia de que há patologias de caráter desloca a centralidade do Édipo e da castração na constituição do sujeito. Propõem como operador estrutural em seu lugar, a relação mãe-bebê. Para os analistas pós-freudianos, o ego narcísico, pode prescindir amplamente da metáfora paterna para constituir-se pois, depende principalmente de uma mãe suficientemente boa.

Um segundo período se inicia com um artigo clássico de Robert Knight (1953, como citado por Kouretas, 1998), defendendo a ideia de que o ego do paciente *borderline* é frágil e incapaz de mantê-lo funcionando. Este ego é a consequência psíquica de relações interpessoais perturbadas ou de eventos traumáticos. Nesses casos, a interpretação é desaconselhável porque pode fragilizar as poucas defesas do ego. Otto Kernberg (1967, pp. 641-685) é, talvez, o nome mais expressivo de um terceiro período. Acredita que a tese, de que há patologias do caráter, lhe permite atravessar as fronteiras entre neurose e psicose. As defesas contra a fragmentação do eu e o teste de realidade funcionariam melhor do que na psicose. O que nos interessa, especialmente, é que ele reúne na categoria *borderline*, muitas das manifestações clínicas que hoje chamamos de casos inclassificáveis. Por exemplo: patologias do caráter (estados pré-psicóticos, esquizoides, paranoides e ciclóticos), personalidades antissociais, quadros de automutilação, drogadições severas, comportamentos impulsivos aparentando uma perversidade polimorfa.

Os casos classificados como *borderline* anunciam a complexa relação entre a clínica do sujeito e a clínica da civilização que vai manifestar-se nos diagnósticos de patologias individualistas e narcísicas supostamente características da cultura de massa, da sociedade de consumo, do capitalismo neoliberal avançado. Lacan (1938/2001) já destacava a relação constante entre as formas típicas das neuroses de caráter e a estrutura da família em que o sujeito cresce. Caracterizam-se por entraves difusos nas atividades da pessoa, em impasses imaginários nas relações com a realidade e

que frequentemente integram-se subjetivamente ao sentimento de autonomia pessoal. Este sentimento de autonomia se manifesta por meio da adesão notável do paciente ao seu sintoma. A relação entre neurose de caráter e estrutura familiar deriva do papel que os objetos parentais têm na formação do supereu e do ideal do eu.

Todo o desenvolvimento deste estudo é para demonstrar que o complexo de Édipo pressupõe uma certa tipicidade nas relações psicológicas entre os pais [...] insistimos especialmente no duplo papel desempenhado pelo pai, como aquele que representa a autoridade e que é o centro da revelação sexual [...] encarnação da repressão e catalizador de um acesso essencial à realidade, que relacionamos o duplo progresso, típico de uma cultura, de um certo temperamento do supereu e de uma orientação eminentemente evolutiva da personalidade (Lacan, 1938/2001, pp. 79-80).

Clínica da civilização e clínica do sujeito: o caso brasileiro

A aliança do discurso da ciência baseada em evidências estatísticas e o discurso do capitalismo neoliberal é responsável por modificações profundas no regime de usufruto do corpo, dos tempos da vida e dos laços sociais. No Brasil assim como em todo o Ocidente, o edifício da civilização não se funda mais solidamente na renúncia às pulsões. A interdição do incesto não se articula mais tão claramente à economia das trocas simbólicas, à obrigação de dar para receber, à estrutura das relações de parentesco, e à função do pai de metáfora desta interdição. Os semblantes da ordem simbólica tradicional vacilam. O imperativo de satisfação pulsional direta e absoluta prevalece sobre a lei simbólica que deveria limitá-la. A condição de possibilidade do desejo é a falta em gozar. O desejo é sexual, isto é, estrutura-se como um sentido enigmático por meio do vazio que se estabelece entre dois significantes. O inconsciente, de acordo com Lacan (1966/1998) é estruturado como uma linguagem. Um significante é aquilo que representa um sujeito, um desejo, um objeto para outro significante. Esta lógica diferencial é por ela mesma o esteio da subjetividade moderna. Nela o circuito da pulsão articula-se à dimensão alteritária do Outro simbólico, o intérprete, no campo da fala e da linguagem. É no campo do Outro, entre os significantes que o Outro lhe oferece, que um sujeito, um ser falante, encontraria um tipo de satisfação que não é nunca absoluta.

A lógica diferencial em jogo na estrutura significante implica que a satisfação pulsional precisa ser reencontrada, sob a forma de uma outra satisfação. O advento do inconsciente é tributário do recalque das pulsões. A expressão do desejo a céu aberto implica na abolição da interpretação. Vamos tratar mais à frente da cultura onde floresce o discurso identitário. Este incita os indivíduos a se autodefinirem, a prescindir da interpretação, do campo do Outro, acreditando que são idênticos àquilo que enunciam. Cresce a reivindicação ao reconhecimento social, lado a lado, com uma atitude que simula uma espécie de "forclusão generalizada do Nome do Pai."

Esse discurso incita ao gozo como um imperativo ao invés de barrá-lo por meio do recurso à

metáfora paterna. O Outro simbólico que por meio das narrativas históricas e da tradição emprestava uma certa consistência ao sujeito desde a origem conhecida dos tempos, agora se demonstra falho, fraturado, exposto nas suas imperfeições. Não se apresenta mais como o detentor das verdades universais anunciadas pelos mitos, religiões e ideologias contundentes com forte poder de agregação do laço social. A lei simbólica – interdição que causa o desejo - tende a ser rebaixada à dimensão das normas rígidas ou de mero contrato intersubjetivo.

De modo algum isso significa que a modernidade foi extinta, superada ou abandonada. A pós-modernidade não é exatamente uma nova época. Acredito que ela consiste na emergência de uma atitude rebelde às narrativas que constituíram a modernidade. O termo pós-modernidade foi introduzido pelo filósofo francês Jean-François Lyotard em sua crítica à sociedade pós-industrial. A filosofia pós-moderna, inicialmente atribuída a pensadores franceses pós-estruturalistas - Michel Foucault, Jacques Derrida e Roland Barthes -, floresce no ambiente cultural de desilusão com o marxismo, de declínio das visões de mundo metafísicas e religiosas, ambiente pós-industrial marcado pela emergência acelerada da tecnologia. A filosofia pós-moderna é uma reação aos ideais modernos de progresso científico, universalismo, democracia representativa, estado de direitos e deveres, razão e liberalismo econômico. É uma atitude que visa a “desconstrução” metódica e sistemática destes paradigmas. Esta reação à modernidade assume, muitas vezes, a forma de um pessimismo generalizado, uma desconfiança em relação à autenticidade dos vínculos sociais e às significações compartilhadas. São também céticos em relação à ciência e outras formas de legitimação da verdade. Não acreditam na história do progresso humano, deslizam para o cinismo, chegando a profetizar a morte da autenticidade e do significado na sociedade moderna. O mundo em que vivemos, para alguns filósofos como Baudrillard (1978), reduziu-se a um palácio de espelhos, onde imagens, simulacros, *fakes*, servem aos propósitos de uma permanente manipulação dos significados e das verdades.

De acordo com alguns pesquisadores (Bock-Côté, 2019; Pluckrose & Lindsay, 2021; Risério, 2022) enfrentamos uma guerra cultural. Não vamos percorrer a obra de cada um desses autores pois em muitos aspectos apresentam perspectivas distintas. Destacamos apenas os pontos em que suas análises convergem. Vivemos uma crise de deslegitimação destrutiva das conquistas do liberalismo e da democracia na civilização ocidental cristã. A origem dessa manifestação de ódio às instituições políticas e sociais da modernidade são os movimentos de maio de 1968. A grande narrativa da modernidade pregava a emancipação do homem graças à extensão da lógica igualitária a todas as relações sociais e ao reconhecimento das identidades que foram marginalizadas. A fundação do Estado moderno assenta-se sobre a Declaração dos direitos do homem e do cidadão, proclamada em 1789: “todo homem nasce livre e igual”. Em 1948 a ONU proclamou a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Os anos 1960-1970 marcariam o nascimento de uma nova civilização. Ao ideal democrático associou-se uma sociedade progressista, transnacional e transcultural, globalizada com uma tendência à contestação e à contracultura. A radicalização do igualitarismo conduziu a

democracia e a cidadania ao esfacelamento e enfraqueceu a potência para agir coletivamente.

Em meados dos anos 50 surgem os antecedentes dessa crise quando o marxismo entra em decadência entre os intelectuais de esquerda. A decepção com os crimes de Stalin na União soviética destrói a fé revolucionária na potência transformadora do comunismo. A esquerda será levada a se reformar profundamente para dar lugar ao nascimento de uma "nova esquerda", renovando a utopia revolucionária e engendrando uma nova sociologia. A classe trabalhadora deixa de ser a aliada natural da esquerda pois, está satisfeita com as conquistas da social-democracia no regime capitalista. Os novos revolucionários vão à procura de novas contradições históricas. Para renovar a luta política, radicalizam as tensões sociais e culturais. Buscam as novas insatisfações fora do terreno das desigualdades econômicas. A solidariedade com o operário excluído do usufruto da mais valia é deslocada para as minorias excluídas dos sistemas normativos de gênero, de raça e de orientação sexual dominantes da maioria no ocidente. Passou-se da crítica ao capitalismo neoliberal à crítica generalizada à civilização ocidental e às suas instituições: o Estado, a nação, a família e a escola. Trata-se agora de "desconstruir" os sistemas normativos majoritários e acolher grupos outrora marginalizados. A civilização é percebida como um "estado generalizado de dominação". A crise de maio de 1968 marca a passagem de uma esquerda tradicional à nova esquerda. Surgem novas modalidades de oposição entre opressores e oprimidos. A oposição entre maioria/minoria recobre a conhecida forma clássica na doutrina marxista: dominador/dominado. A nova esquerda contrapõe às ideias de soberania e representação política o conceito de "diversidade". A linguagem da diversidade, após a derrocada definitiva do comunismo no início da década de 1990, é reveladora do triunfo da revolução de 1968 ao produzir um deslocamento da esquerda rumo à adesão ao radicalismo contracultural. A sociologia diversitária dissolve a concepção universalizante (majoritária) de cidadania e a substitui pela de pluralidade (minorias) de grupos identitários.

Os discursos de esquerda desenvolvem uma polarização crescente entre uma suposta maioria conservadora e supostas minorias diversitárias que assola o laço social, levando a um estado de perpétuo confronto. As minorias sentem-se oprimidas e em desvantagem na civilização judaico-cristã ocidental capitalista. O sociólogo americano Marc Lilla (2018) afirma que as vertentes da cultura pós-moderna - tanto a ideologia neoliberal quanto a ideologia da nova esquerda progressista - vão produzir um tipo clínico individualista e narcísico que tem tendência ao excesso de gozo ou à expressão a céu aberto da pulsão de morte.

A subjetividade moderna, diferentemente da pós-moderna, era sujeitada à função simbólica do Nome-do-Pai, agente imaginário da castração. O sujeito moderno recalcava o excesso pulsional, isto é, a verdade incestuosa do sintoma. Seu núcleo de gozo ficava oculto, de forma que o sintoma neurótico mascarava a virulência perversa da pulsão de morte, preservando o sujeito e o laço social. O progresso da aliança entre o discurso da ciência e o capitalismo neoliberal corroe a força dos ideais religiosos e iluministas e engendrou expectativas de satisfação pulsional, paradoxalmente, mais exigentes e coercitivas do que o desejo inconsciente moderado pelo recalque.

O caso brasileiro: entre conservadorismo e progressismo ambíguo

O progressismo dos dias de hoje, tal como em toda a Europa, não é mais inspirado na doutrina marxista. Inspira-se na ideologia diversitária da *New Left*, nova esquerda americana. Ideologia que agrada também os indivíduos progressistas que defendem o neoliberalismo. O progressismo nos EUA não divide radicalmente a direita neoliberal e a nova esquerda diversitária.

Podemos afirmar que a subjetividade moderna permanece muito viva e manifesta-se por meio da firme adesão a pautas políticas e sociais conservadoras nos dias de hoje. No campo das ideologias progressistas encontramos uma diversidade de referências normativas imaginárias, que lutam para esvaziar o poder simbólico da tradição moderna de regular o excesso pulsional. Socialistas ou neoliberais, muito indivíduos acreditam que podem prescindir do Nome do Pai, em consonância com o discurso da mídia progressista globalizada. Criticam uma sociedade supostamente patriarcal e heteronormativa e reivindicam o direito a gozos que no passado recente eram marginalizados. Descriminalização do uso de drogas, igualdade radical entre os sexos, ideologia de gênero, diversidade sexual, desconstrução do sexo biológico, negação da miscigenação e contestação de seus efeitos integradores no laço social.

A metáfora paterna como modo de organização subjetiva próprio à modernidade está em conflito com a multiplicidade de referências imaginárias pós-modernas. Em nome da ideologia progressista, elas incitam permanentemente a rupturas no campo das identificações e dos modos de gozo.

Subjetivação do real: topologias borromeana e não-borromeana

As profundas transformações no cenário sociocultural são a consequência dos avanços acelerados da aliança entre o capitalismo neoliberal e o discurso da ciência baseada em evidências estatísticas. Estes discursos questionam o valor dos diagnósticos psicanalíticos que nos permitem distinguir a estrutura neurótica da estrutura psicótica. A organização neurótica da subjetividade – embora ainda seja majoritária – não usufrui mais do privilégio de ser considerada como um “ideal de sexuação” desejável para todos. O enlaçamento entre o real da diferença sexual, o imaginário da representação do corpo e o simbólico do nome próprio por meio da metáfora do Nome do Pai, ainda caracteriza nos dias de hoje o funcionamento de uma maioria. Esta maioria era, até recentemente, silenciosa e intimidada pois era e ainda é considerada retrógrada e conservadora.

Os discursos pós-modernos rejeitam as coordenadas subjetivas tradicionais em benefício de uma identidade fluida, não binária, *queer*, ou simplesmente diversa da biológica. Entretanto, a diferença real entre os sexos está inscrita na lógica do significante, logo, é irreduzível à diferença anatômica. As funções imaginárias do falo são a consequência psíquica da diferença anatômica entre os sexos. A função simbólica do Nome do Pai designa um vazio real na estrutura simbólica. Estas coordenadas não se submetem à ideologia do igualitarismo absoluto.

Em nome desta nova pauta política, a psicanálise vem sendo acusada de reproduzir uma

ideologia conservadora heteronormativa, patriarcal, cúmplice dos privilégios do homem branco, avessa às sexualidades periféricas e às reivindicações igualitárias dos grupos minoritários: mulheres, negros e indivíduos LGBTQ+. Este cenário é complexo. Enquanto muitos indivíduos reivindicam uma "identidade fluida", outros indivíduos "trans", ao contrário, afirmam que têm certeza de que são do gênero homem ou do gênero mulher num corpo sexuado anatomicamente de modo errado. Conferem ao gênero uma consistência que não atribuem a sexo anatômico. Para eles o gênero é certo, indiscutível. O sexo anatômico é arbitrário e sujeito à modificações por meio de uma série de expedientes, dentre os quais os cirúrgicos.

Trago em seguida uma amostra destas tensões discursivas, para aprofundar o tema da diferença entre a neurose e a psicose. Num primeiro tempo de seu ensino Lacan radicaliza a diferença estrutural entre elas. Num segundo tempo ameniza a descontinuidade ressaltando o ponto de convergência: o vazio em jogo no real. E, finalmente, Lacan nos propõe abordar os efeitos subjetivos de uma diferença entre duas topologias que perpassam a diferença entre neurose e psicose: a borromeana e a não-borromeana.

Ao final do último ensino de Lacan nasce a topologia borromeana como uma nova perspectiva da constituição do ser falante. A topologia inaugural distinguia os registros simbólico, imaginário e real concedendo ao simbólico a primazia sobre os demais. A linguagem constituía o sujeito, como sujeito do significante, ao incidir sobre o corpo, extraíndo dele um gozo da Coisa em si que ficava para sempre perdido. Os conceitos de lei do desejo, interdição do incesto, falo, Nome do Pai e os quatro discursos (do mestre, da histérica, do universitário e do analista) são tributários desta perspectiva. Em seu último ensino Lacan propõe que os registros simbólico, imaginário e real (linguagem, imagem e corpo) são sempre independentes uns dos outros e precisam de um artifício para se articularem. Há dois modos de fazê-lo. O primeiro, e o mais universal, é tipicamente neurótico, o modo borromeano. A subjetividade borromeana é aquela que enlaça os três registros sintomaticamente: graças à crença no Nome do Pai, na lei do desejo, na primazia do falo na sexualidade e no inconsciente. A segunda hipótese define melhor às subjetividades psicóticas, aquelas que forcluam todas essas dimensões típicas da neurose e lançam mão de um arranjo imaginário (suplências) ou de uma invenção (*sinthoma*). Quando um indivíduo cujo modo de subjetivação do real é não borromeano experimenta um deslizamento do imaginário, pode recorrer à autodefinição, à invenção de um artifício singular ou à produção de uma personalidade excepcional para amarrar os registros.

A crise do simbólico na pós modernidade

Segundo Maleval (2019), o sujeito do mundo pós-moderno não sofre de uma falta de ideais. Os ideais multiplicaram-se, fragmentaram-se, diversificaram-se e se tornaram menos impositivos. Neste contexto, o modo de gozo não reside mais no ultrapassamento dos limites. As patologias em ascensão evidenciam a presença de um tratamento do gozo por meio da tentativa de

extração da Coisa em si ou do objeto primitivo e incestuoso do próprio corpo. Comportamentos tais como mutilações e maus-tratos impostos ao corpo, manobras de extração, recuperação e acumulação de um objeto de gozo revelam que a castração não é mais simbolizada pelo Nome do Pai e aparece como um real sem sentido. Logo, o Complexo de Castração não é mais pacificado pelo Complexo de Édipo, de modo que a sexuação como homem ou mulher não é mais, para todos, a resposta sintomática mais comum ao real. A castração e o Édipo muitas vezes não servem à função de reduzir e localizar o trauma que nos é imposto pela entrada na linguagem.

As psicoses não são mais delirantes e extraordinárias como no caso do Presidente Schreber. A psicose hoje é mais ordinária porque emerge inscrita no discurso pós-moderno de desconstrução do valor simbólico do Nome do Pai. As expressões das psicoses mudaram? Podemos dizer que sim. A hipótese da foraclusão do Nome do Pai introduzida por Lacan nos anos 50 permite pensar que um sujeito seja estruturado de modo psicótico sem que a psicose clínica seja atualizada. As manifestações de grandes delírios se tornaram raras e os sujeitos psicóticos de hoje apresentam uma fenomenologia discreta. Para remediar a falha no encadeamento do nó, o sujeito psicótico nos dias de hoje, pode estabelecer suplências que lhe fornecem outras formas de enlace, não-borromeano. Elas restauram o enodamento dos registros na estrutura subjetiva, mas conservam o vestígio de uma ou mais falhas, mantendo, entretanto, a conexão de uma parte.

A hipótese da dissociação sexo/gênero

Podemos abordar, por hipótese, a dissociação entre o sexo anatômico e o gênero psíquico como um dos mecanismos possíveis de enodamento topológico de modo não-borromeano. A noção de psicose ordinária foi introduzida pelo psicanalista J. A. Miller (1999) para dar conta de manifestações psicóticas mais “modestas” ou medianas, onde a disruptividade é bem menor. Existe uma sintonia entre essa topologia não-borromeana e os discursos que propõem uma igualdade absoluta entre todos os modos de gozo. Neste contexto como salvaguardar uma psicopatologia lacaniana? De acordo com Miller (2022) precisamos empregar a dialética entre o ponto de vista do igualitarismo absoluto que prega a despatologização generalizada e o ponto de vista que defende a despatologização localizada. Para praticar a despatologização localizada é preciso reabilitar o valor das nuances, do discernimento, do bom senso clínico. Essa orientação clínica nos convida a considerar as tonalidades dos signos discretos para avaliar, caso a caso, qual é de fato a estrutura subjetiva: neurose ou psicose?

Foraclusão generalizada, os descrentes do Nome-do-Pai e neuroses do caráter

Para justificar a prática da despatologização localizada, defendo a tese de que a “foraclusão generalizada” promovida pelos discursos pós-modernos é uma ideologia dos “não-tolos”. Devemos distingui-la do mecanismo psíquico da foraclusão do Nome do Pai. A ideologia dos descrentes do Nome do Pai tem efeitos subjetivos de desorientação. Porém, uma coisa é a psicose ordinária como

ideologia política adversária da função normativa do Nome do Pai. Ela provoca sem nenhuma dúvida uma grande desordem no real. Outra coisa é a estrutura subjetiva que resulta da forclusão do Nome do Pai. Distinguir uma coisa da outra na prática é difícil e requer fineza e amplitude na análise da experiência clínica.

Miller (2009, p. 48) na neurose nós temos o Nome do Pai bem no seu lugar, A neurose é uma coisa precisa e bem construída, estável e constante. A repetição é uma assinatura que permite reconhecê-la. Também a falta a ser, a castração, a impotência ou a impossibilidade, a diferença nítida entre o Ego e o Id. A oposição entre os significantes e as pulsões além de um supereu bem reconhecível são alicerces essenciais à estrutura neurótica. Na neurose, o fantasma fundamental organiza o circuito pulsional. Na psicose, diferentemente, há um buraco nesse lugar. Na psicose ordinária também, o Nome-do-Pai não está no seu lugar, mas, alguma outra coisa funciona como um aparelho suplementar. Nem todas as psicoses, como o autor constata, tomam a forma da psicose desencadeada. Há psicoses adormecidas que não despertarão jamais.

Crítérios diagnósticos da psicose ordinária

Miller (2009, pp. 45-46) ensina a reconhecer toda e qualquer psicose por meio da desordem no sentimento da vida e que transparece nas três externalidades: social, corporal e subjetiva. Cada uma delas diz respeito à relação com o Outro. Sobre a relação do sujeito à realidade social, a questão é: existe uma identificação com uma função social, uma profissão, com um lugar que seja só seu? Ou é uma relação negativa? Ou, é alguém incapaz de conquistar seu lugar ao sol e parece desconectado como se uma barreira invisível o impedisse? Podemos dizer com clareza que não se trata de rebelião histérica, nem de excesso de autonomia obsessiva? Parece uma impotência ligada a uma depressão misteriosa? O que nomeamos como psicose ordinária pode ser apenas a face visível de uma psicose no sentido clássico. A depressão, neste caso, desconecta o sujeito do laço social e podemos dizer que, neste sentido localizado, é patológica.

Outro índice importante para o diagnóstico é a externalidade corporal que diz respeito ao corpo como Outro para o sujeito. Seu corpo se desfaz e é preciso inventar "grampos" para reapropriar-se dele, para fazê-lo consistir? Antigamente podíamos suspeitar que certos recursos artificiais tais como *piercings* e tatuagens eram suplências à psicose. Hoje se tornaram banais. Logo, por que e quando podemos suspeitar que o uso de tais artifícios é uma suplência à falta do Nome do Pai? Miller nos explica que psicótico ordinário, diferentemente de um neurótico, estabelece com o artifício uma relação excessiva que evidencia o vazio infinito que este arranjo vem suplementar. Para praticar a despatologização localizada precisamos responder à seguinte questão: esse artifício é uma solução que pacifica a relação com o corpo? Ou, ao contrário, é motivo de aflição?

Quanto à externalidade subjetiva, o psicótico ordinário experimenta um vazio íntimo, uma vacuidade sem dialética. Neste vazio, encontramos uma identificação muito fixada, muito real ao objeto dejetado? Por exemplo, o sujeito negligencia seu corpo a um ponto extremo? Ele o maltrata,

mostra-se sujo e malcheiroso, se machuca ou simplesmente não trata suas doenças? Esse mesmo vazio sem dialética pode aparecer de modo oposto por meio de excessos fora do sentido, como a presença de maneirismos, por exemplo: um extremo preciosismo no emprego da linguagem. Nestes casos, a relação fundamental, o parceiro da vida desse sujeito não é uma pessoa, é a própria linguagem. A patologização localizada é pragmática. A solução que o psicótico ordinário encontra é benéfica? Ela o ajuda a cuidar de si?

Orientação do tratamento

Com base nos critérios apresentados, a direção do tratamento analítico na psicose ordinária pode favorecer a elaboração de um suplemento, de uma montagem ou à restauração de um suporte. Pode ajudar a acrescentar um sentido a fenômenos elementares, sejam eles míticos ou delirantes. Observamos na cena social contemporânea muitas soluções desse tipo "*prêt-à-porter*". É esta abordagem da particularidade dessas suplências que melhor permite distinguir uma leitura sociológica progressista e a via da suplência ao Nome do pai que a psicanálise de orientação lacaniana propõe.

A questão dos arranjos imaginários

Será que os arranjos imaginários em jogo nos grupos identitários são soluções do tipo que propomos? A direção do tratamento analítico nos exige a disciplina de retificar as relações do sujeito com o real. Não consiste em legitimar simplesmente esses arranjos imaginários. Não se trata de promovê-los como evidência da pluralização dos Nomes do Pai. É preciso verificar se são suplências a uma psicose ordinária para então conduzir um analisando a reconstruí-las a partir da singularidade de seu *sinthoma*.

O Real no século XXI

Uma vez que o simbólico já não prevalece sobre os outros registros, como é que o real sem sentido comparece em nossa época, o século XXI? De acordo com Miller (2014), há uma grande desordem no real. As formações interpretáveis do inconsciente recalcado, cujo paradigma é o sonho, e as construções do inconsciente a céu aberto, cujo paradigma é o delírio, não são os fenômenos clínicos predominantes. Está mais difícil distingui-los em tempos de forte ideologização dessas identidades. Já não sabemos muito bem onde está o real. Como então retificar as relações do sujeito com o real num tratamento analítico?

Necessidade de manter as distinções estruturais

Acredito que é preciso levar em conta essa desordem no real ao distinguir quadros clínicos nos quais a fronteira entre a neurose e a psicose é duvidosa. A despeito da fenomenologia imprecisa que sugere uma continuidade entre uma e outra, é preciso não abrir mão da distinção estrutural entre as respostas neuróticas e psicóticas ao real. As manifestações da forclusão do Nome do Pai

modificaram-se, mas, o mecanismo não desapareceu. Não é a mesma coisa dizer que a “forclusão é generalizada” para todo ser falante e dizer que para um dado sujeito houve uma “forclusão do Nome do Pai”. Se, originariamente todo mundo delira, nem todo mundo é capaz de prescindir do Nome do Pai e, mesmo assim, fazer bom uso, servir-se dele como convém.

Fenômenos elementares e signos discretos

Os fenômenos elementares, na definição de Lacan (1955-1956/1966), são os sinais clínicos reveladores da estrutura psicótica. Apresentam-se, geralmente, como fragmentos de linguagem que exibem um desenquadramento do significante que se percebe pela presença de alucinações ou intuições resultantes de uma falha no nó borromeano. Pode ser o caso da experiência de estranheza em relação ao próprio corpo. O sujeito experimenta uma incompatibilidade com ele, rejeita seus órgãos genitais porque lhe parecem dissociados de seu verdadeiro gênero. A psicose se revela na impossibilidade de abordar o gênero por meio do significante:

Nessas condições, para ter acesso ao outro sexo, realmente é preciso pagar o preço, o da pequena diferença, que passa enganosamente pelo real por intermédio do órgão, justamente no que ele deixa de ser tomado como tal, e ao mesmo tempo, revela o que significa ser órgão. Um órgão é só um instrumento por meio disto em que todo instrumento se baseia: é que ele é um significante. É como significante que o transsexual não o quer mais e não como órgão. No que ele padece de um erro, que é justamente o erro comum. [...] que não vê que o significante é o gozo e que o falo é apenas o significado (Lacan, 1971-1972/2012, p. 17).

O sujeito não alcança a dimensão metafórica do gênero psíquico. Ele acredita que o homem e a mulher existem em si mesmos. Superidentifica-se com seu gênero. Para abordar a experiência do transsexual penso que é preciso levar em conta a seguinte distinção. Os fenômenos elementares são evidentes motivos de queixa ou de surpresa para o sujeito. Os sinais discretos, ao contrário dos fenômenos elementares, são claramente assumidos pelo sujeito. Na clínica psicanalítica podemos tomá-los como um trabalho subjetivo de invenção. A superidentificação ao gênero pode ser uma solução apaziguante. Pode ser, talvez, a chave para elucidar o fenômeno contemporâneo da autodefinição. Será que podemos fazer da experiência transexual o paradigma do mecanismo de superidentificação? Será esta a chave para compreender o fenômeno do identitarismo pós-moderno?

Superidentificação: mecanismo psíquico da autodefinição?

A psicanálise se iniciou com a investigação do sintoma neurótico, com fenômenos que são alheios ao eu e não se encaixam devidamente no caráter que é o modo habitual de conduta. Otto Fenichel (1966, p. 518) partiu da hipótese de que a resposta neurótica, na modernidade, não se apresentava mais como no tempo de Freud pois, começaram a proliferar “neuroses de caráter”. Nas

neuroses clássicas, uma personalidade cabalmente integrada se via, repentinamente, perturbada pela aparição de atos e impulsos inadequados. Sua perturbação, entretanto, restringia-se ao sintoma e suas ramificações, não afetando a existência como um todo. Por isso, Franz Alexander (1993) aludia à função terapêutica do sintoma, já que este se manifestava de forma discreta, circunscrita, não comprometendo a vida de maneira geral, protegendo-a de uma invasão. No lugar de se defrontar com casos de neurose claramente delineados viam-se cada vez mais pessoas afetadas por transtornos menos definidos e mais incômodos para as pessoas que rodeavam o paciente do que para ele mesmo. Já nas neuroses de caráter, não se tratava de uma personalidade uniforme que, em certo momento, era perturbada por um acontecimento, mas de personalidades desgarradas, comprometidas de tal forma pela enfermidade que desaparecia a linha de demarcação entre personalidade e sintoma. A neurose se infiltrava na existência. Tratava-se da mesma questão abordada pela psicopatologia geral no tocante aos transtornos de personalidade, mas tratados de forma psicanalítica.

Nos anos de 1950, os psiquiatras alemães Hubertus Tellenbach e Alfred Kraus apreendem os fenômenos de transitivismo mental manifesto de formas mais rígidas a partir das noções de hipernomia, de superidentificação e do que eles denominam como *typus melancholicus*. Kraus (1998) caracteriza a sobreidentificação por dois traços maiores correlacionados entre si: a hipernomia e a intolerância à ambiguidade. A hipernomia torna o sujeito "normopata". Ele se comporta de maneira excessivamente apropriada às expectativas normativas, se identificando de forma imutável a uma atividade profissional, social, conjugal etc. Trata-se de identificações maciças, engessadas em valores autoritários. Em uma sociedade com incidência consistente dos princípios tradicionais, esta manifestação psicopatológica se dava por meio de uma forte relação com o dever em prol de minimizar as contradições e da manutenção da solidez da identidade de um papel. O comportamento hipernômico evita a aparição exterior da ambiguidade das normas, na medida em que este comportamento se detém estritamente ao que é prescrito.

Lacan (1932/1987, p. 39) em sua tese de medicina *As psicoses paranoicas e suas relações com a personalidade* não cita a noção de caráter, ela está implícita na definição da personalidade. Miller, a partir do último ensino de Lacan, resgata o tema do caráter por considerá-lo uma referência importante para situar a *experiência do real* na psicanálise. O caráter, como resistência, é uma experiência do real. É diferente do sintoma que é uma formação do inconsciente, uma experiência do simbólico. Enquanto o sintoma encontra-se atrelado às significações (*Bedeutung*) e tem um valor de sentido, o caráter aponta para a dimensão da satisfação pulsional (*Befriedigung*) como **valor de gozo**. A interpretação do caráter deve **perturbar** a defesa, incidindo sobre o desarranjo da economia libidinal, e produzir efeito de **sentido real**. Trata-se de produzir um "sentido gozado" e não a decifração do retorno do recalçado. A interpretação como perturbação da defesa mobiliza algo do corpo e exige do analista também um aporte de seu corpo através do tom, da voz, do acento, do gesto, do olhar.

A partir do trabalho de interpretação - via decifração ou via perturbação da defesa - uma

psicanálise deverá ajudar o analisando a constituir seu *sinthome*. O *sinthome* é o ponto de junção do sintoma com o caráter. Como conceito transversal, o *sinthoma* acaba por desafiar a distinção entre sintoma e caráter.

Maleval (2019) ressalta que essa descrição psicopatológica merece atualizações que alcancem as especificidades dos novos tempos, nos quais os ideais não constroem o gozo e a ideologia predominante cultiva a satisfação pulsional liberada de regulações. O rigor moral do *typus melancholicus* cede espaço a novas suplências da psicose ordinária. Por exemplo, aquelas que fixam uma superidentificação por meio de um inflacionamento do eu que o endurece em uma identificação imaginária auto definidora. Geralmente estas superidentificações estão ligadas às novas narrativas que ganharam hegemonia no laço social. A hipernomia e a dependência extrema a uma definição de si marcada pela certeza psicótica, resultam de uma ausência de bússola do fantasma e da tentativa de compensação por caminhos não-borromeanos. Eis o ponto de junção entre a ideologia pós moderna e a psicose ordinária.

Podemos tomar o sentimento do transsexual de habitar um corpo que não lhe pertence como um fenômeno elementar. O chamado à mutilação pode ser apaziguado mediante a promessa de uma cirurgia para livrá-lo do órgão genital perseguidor. A certeza de que pertence ao sexo oposto pode ser um signo discreto capaz de conferir a esse corpo estranho uma superidentificação suplementar.

A superidentificação é um mecanismo que se generalizou graças aos movimentos sociais em favor da inversão do estigma da homossexualidade. Parece que engendraram uma nova norma, uma ordem de ferro, uma espécie de super social. Os grandes responsáveis pelo mal-estar na sexualidade são hoje o patriarcado e seu anti-herói, o homem heterossexual, heteronormativo, opressor, binário, cisgênero. A anatomia reduziu-se cada vez mais a uma mera construção social e não é mais encarada como uma realidade biológica pelos que aderiram a essa discursividade pós-moderna. O termo "generificação" substituiu o termo "sexuado" na linguagem de jornalistas, políticos e juristas. O gênero desconstruído tornou-se um conceito maior que descreve identidades e comportamentos com o objetivo de esvaziar a diferença anatômica entre os sexos e redefinir as disposições sexuais, sociais e políticas.

O caso de Anne Fausto Sterling é paradigmático. Esta bióloga que já se autodeclarou hétero, homo e, finalmente, alguém em transição de gênero. Definiu assim sua visão da biologia: "a ciência apoia-se em contexto cultural preciso". Seu programa político é apagar da biologia todas as formas de binarismo pois, o sexo anatômico é uma construção social tanto quanto o gênero. Acredito que essa afirmação condensa o que seria hoje o maior desafio que pesa sobre a clínica psicanalítica. Uma aposta nos poderes da interpretação exige sustentar a hipótese do mal-entendido em jogo no inconsciente. Porém, não podemos deixar de acolher os esforços de estabilização dos indivíduos que recorrem a mecanismos rígidos de autodefinição.

Referências Bibliográficas

- Alexander, F. (1993). The corrective emotional experience. *Psicoterapia e Ciência Humana*, 27(2), 85–101.
- Baudrillard, J. (1978). *Cultura y simulacros*. Editorial Kairós.
- Bock-Coté, M. (2019). *O multiculturalismo como religião e política*. É Realizações.
- Coelho dos Santos, T. (1994). A angústia na teoria e na clínica. *Revista do Tempo Psicanalítico*, 27, 45–58.
- Deutsch, H. (1942). Some forms of emotional disturbance and their relationship to schizophrenia. *Psychoanalytic Quarterly*, 11, 301–321.
- Fenichel, O. (1966). *Teoria psicoanalítica de las neuroses*. Buenos Aires: Paidós.
- Greenacre, P. (1941). The predisposition to anxiety. Part II. *Psychoanalytic Quarterly*, 10, 610–638.
- Guéguen, P-G. (2000). Freud et la clinique du réel. *Actes des Journées d'études*, 62-67.
- Kernberg, O. (1967). Borderline personality organization. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 15, 641–685.
- Kouretas, N. (1998). The development of the concept of the 'Borderline' in psychoanalytic Diagnosis and treatment. In Gurewidch, J. F., & Tort, M. (Orgs.). *The subject and the self* (pp. 44-61). Jason Aronson INC.
- Kraus, A. (1998). Thérapie de l'identité des mélancoliques et des maniaco-dépressifs. *Confrontations psychiatriques*, 39, 275–304.
- Lacan, J. (1987). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1932).
- Lacan, J. (1998). Fonction et champ de la parole et du langage. In *Écrits* (pp. 237–322). Paris: Éditions du Seuil. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2001). Les complexes familiaux dans la formation de l'individu. In *Autres écrits* (2001). Paris: Éditions du Seuil. (Trabalho original publicado em 1938).
- Lacan, J. (1966). D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. In *Écrits*. Paris: Éditions du Seuil. (Trabalho original publicado em 1955-1956).
- Lacan, J. (2012). *Le Séminaire XIX: ...Ou pire*. Paris: Éditions du Seuil. (Trabalho original publicado em 1971-1972).
- Lilla, M. (2018). *O progressista de hoje e de amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Maleval, J.-C. (2019). *Repères sur la psychose ordinaire*. Paris: Navarin Éditeur.
- Miller, J.-A. (1999). *La Psychose Ordinaire*. Convention d'Antibes: Collection Le Paon.
- Miller, J.-A. (2002). Le dernier enseignement de Lacan. *Revue de la Cause Freudienne*, 51.
- Miller, J.-A. (2009). Effet retour sur la psychose ordinaire. *Quarto*, 94–95. Paris: École de la Cause Freudienne.
- Miller, J.-A. (2014). O Real no século XXI. Apresentação ao tema do IX Congresso da AMP. In *Silicet: Um real para o século XXI*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise / Scriptum.

- Miller, J.-A. (2022). Tout le monde est fou. *La Cause du Désir*, 112.
- Pluckrose, H., & Lindsay, J. (2021). *Teorias cínicas críticas*. São Paulo: Avis Rara.
- Reich, W. (1925). *Der triebhafte Charakter*. Leipzig: Internationaler Psychoanalytischer Verlag.
- Risério, A. (Org.). (2022). *A crise da política identitária*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Stern, A. (1938). Psychoanalytic investigation and therapy in the borderline group of neurosis. *Psychoanalytic Quarterly*, 7, 467-489.

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (nov. 2024 a abr. 2025). Clínica da psicose ordinária na era dos discursos pós-modernos. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 20(39), 59-75. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2025v20n39p59-75

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 07/04/2025 / 04/07/2025

Aceito/Accepted: 18/04/2025 / 04/18/2025.

Copyright: © 2025. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.